



DIÁLOGO COM AS FINITUDES E AS PERSPECTIVAS DA PERDA

Dialogue with finitudes and loss prospects

**Patrícia Gonçalves Fochesato
Dulce Mara Gaio**

Resumo

A presença da morte, do luto e da perda estruturam-se em diferentes dinâmicas e contextos, abrindo um leque de manifestações que marcam o ser humano e geram demandas que impactam na saúde mental e emocional. A presente pesquisa visa promover reflexões sobre a finitude e sua relação com a perda, abordando a morte e o luto como principais marcadores deste processo, a partir da apresentação de suas concepções e análise da percepção do público sobre a temática segundo uma pesquisa social por meio de formulário eletrônico, contemplando a construção simbólica como forma de compreensão das relações que o sujeito desenvolve. Embora haja a manifestação de um distanciamento, reconhece-se a dinâmica das finitudes que marcam a construção de sentidos a partir de vivências singulares, o que foi ampliado com a pandemia e refletem na identificação da existência de uma diversidade de modos de ser diante do contato com a morte.

Palavras-chave: Finitude; Morte; Luto; Perda; Psicologia.

Abstract

The presence of death, grief and loss are structured in different dynamics and contexts, opening a range of manifestations that mark the human being and generate demands that impact mental and emotional health. The present research aims to promote reflections on finitude and its relationship with loss, approaching death and mourning as main markers of this process, from the presentation of its conceptions and analysis of the public's perception on the subject according to a social research through of electronic form, contemplating the symbolic construction as a way of understanding the relationships that the subject develops. Although there is a manifestation of a distance, the dynamics of finitudes that mark the construction of meanings from unique experiences are recognized, which was expanded with the pandemic and reflect in the identification of the existence of a diversity of ways of being in the face of contact with death.

Keywords: Finitude; Death; Mourning; Loss; Psychology.

INTRODUÇÃO

Ao tecer reflexões sobre a finitude, logo esbarra-se num colóquio sobre a morte, esta não comumente abordada pelas pessoas em seus diálogos cotidianos, havendo uma evitação em adentrar no assunto, o que recebe uma ressalva se tiver como foco o outro, porém, rejeitada quando se volta para a pessoa enquanto uma possível protagonista do fenômeno.

Há um sentimento de conformidade em prevê-la como uma consequência distante, inevitável, mas de alguma forma programada a partir de uma perspectiva biológica e longitudinal, está atrelada ao envelhecer como sendo a etapa para se pensar ou esperá-la, mas as circunstâncias muitas vezes se configuram com muitas variantes, modificando o cenário e trazendo à tona o diálogo evitado de forma inesperada.

A presente pesquisa tem como objetivo promover reflexões sobre a finitude e sua relação com a perda, abordando a morte e o luto como principais marcadores deste processo, a partir da apresentação de suas concepções e relações construídas pela sociedade ao longo do tempo. Além disso, buscar-se-á analisar a percepção do público em geral quanto à temática e as relações estabelecidas a partir de uma pesquisa quantitativa e qualitativa, associadas a diferentes contextos, contemplando a construção simbólica envolta pela temática como forma de compreensão das relações que o sujeito elabora como suporte e como sentido.

Atualmente, o contexto pandêmico ampliou reflexões sobre a finitude desafiando a sociedade para a vivência do luto não mais em sua dinâmica individual e restrita, mas envolvendo uma perspectiva coletiva e compartilhada, esta não como uma opção, mas como uma condição. Parte-se, portanto, da necessidade de um olhar sensibilizado para a perda, literal e/ou simbólica, mas igualmente intensa e dolorosa, desde sua possibilidade à sua concreticidade, o que consequentemente revela o despertar de novas percepções para as demandas cotidianas.

MATERIAL E MÉTODO

Para desenvolvimento da pesquisa, realizou-se uma revisão bibliográfica a partir de livros e artigos científicos sobre a temática, uma vez consideradas as contribuições quanto à compreensão do tema investigado em diferentes perspectivas. Concomitantemente com o desenvolvimento de uma pesquisa de campo por meio da aplicação de questionário *online*, sob condição para critério de inclusão a necessidade de aceite do termo de consentimento e ser maior de 18 anos, com a finalidade de levantamento de dados de forma sistemática e

empírica no período de 10 a 19 de julho de 2022. A análise de dados foi realizada com foco na exploração e descrição das percepções sobre o fenômeno e seus impactos, articulada com leituras científicas, visando o levantamento de dados a partir de um panorama subjetivo dos participantes, fatores de significação e práticas sociais subjacentes.

1. PRESSUPOSTOS DA FINITUDE: A CONSTRUÇÃO DE DIMENSÕES

A palavra finitude remete à ideia de algo que termina, que tem fim, o que mobiliza a pensar no que não se controla ou se tem o poder de mudar, preservando uma condição de independência e inalteridade. Partir deste ponto, nos direciona a observar que a existência humana é marcada por esta dinâmica, seja pelo tempo, natureza, ações e ciclos como eventos que caracterizam e impactam na condição do homem, revelando que rupturas se dão em diferentes momentos, sendo algumas mais apreciadas, evitadas, marcantes e outras menos perceptíveis, pois associam-se a um *contínuum* naturalizado e passam a ser despercebidas.

De modo geral, nestes breves apontamentos para iniciar uma reflexão sobre a temática, identifica-se que ao considerar as marcas da finitude emerge muito mais presente o contexto sobre a morte (que enaltece a perda) do que a percepção dos rompimentos e transições decorrentes da passagem do tempo em suas despedidas constantes que revelam finitudes. Como exposto por Combinato e Queiróz (2006), o nascimento e a morte marcam processos da vida, sendo natural, mas também possuem perspectivas que se estruturam na atribuição de significados e sentidos, evidenciando a presença de diferentes comportamentos e leituras diante da finitude que são determinados por relações subjetivas, não se limitando a aspectos objetivos apenas e comuns.

A humanidade sempre buscou deixar registros que eternizassem sua existência, refletindo em percepções quanto à mortalidade e evidenciando o confronto com a morte enquanto premissa inevitável, aspecto que se desmembra em diferentes posturas, rituais e modos de elaboração diante do morrer. Ao longo do tempo, a sociedade estabeleceu uma relação simbólica com

a morte, agregando não apenas valor cultural, mas contribuindo para a manutenção de uma identidade coletiva (GIACOLA JÚNIOR, 2005).

Segundo Braga e Dias (2016), a tomada de consciência sobre a morte promove uma relação com o sentido atribuído à existência, à finitude e temporalidade, sustentadas por Heidegger, identifica na morte o despertar de reflexões que conduzem a construção de uma relação mais autêntica por parte do sujeito. De modo que, manter-se inautêntico seria sufocar esta possibilidade, restringindo-se às percepções a partir do que é comum, desfavorecendo a responsabilidade e ocultando o outro e a si mesmo nas premissas da superficialidade. O caráter impessoal torna-se um suporte e dissolução da “própria presença no modo de ser dos outros, e isso de tal maneira que os outros desaparecem ainda mais em sua possibilidade de diferença e expressão” (p.84). Logo, há um distanciamento ao relacionar-se com a morte a partir do outro, a nível de efeitos quanto à própria existência, o que justifica a facilidade em tecer abordagens já que possibilita afastamentos.

De acordo com Heidegger (2005), o ser para a morte é constituído pelo processo antecipatório que garante ao homem realizar uma elaboração a partir das singularidades de sua existência. Em contrapartida, o impessoal mantém o movimento do findar como um término ou ruptura, distanciando o sujeito do fenômeno, de forma alienada e tranquilizadora que encobre suas possibilidades ao ser e transfere-se ao outro .

Para superar esta postura impessoal formada e promover uma aproximação com a finitude, a angústia é destacada enquanto caminho, pois é por meio da instabilidade da existência que um mal estar é estruturado e faz com que o ser humano passe a relacionar-se com a morte a partir das premissas de sua singularidade (BRAGA; DIAS, 2016).

Neste sentido, entende-se que a partir da relação entre impessoalidade, angústia e instabilidade, o sujeito desenvolve uma necessidade, a de pensar sobre a morte não como algo distante, mas como uma demanda que precisa ser considerada apesar das provocações que desperta. Confronta-se assim com a dinâmica do incerto, com a estruturação de uma totalidade, com a variação de impressões e com as demandas do tempo e do espaço provocando construções

que marcam a sociedade e seu modo de relacionamento com a morte como exposto na sequência.

Conforme sistematizado por Ariès (2012), a perspectiva de morte domada permitia a tomada de diligências, pois aquele que morreria percebia sua aproximação, “o aviso era dado por signos naturais ou, ainda com maior frequência, por uma convicção íntima, mais do que por uma premonição sobrenatural ou mágica” (p.33), havendo a oportunidade do lamento da vida, da manifestação do perdão, do sentimento da culpa e da súplica pela absolvição, constituindo-se em um ato público que mobilizava a organização de rituais.

A morte de si mesmo surge associada à aceitação das leis da natureza, num movimento de entendê-la enquanto uma etapa a ser atravessada, porém associada ao juízo final. Alimentava-se a crença de que a vida era revista de uma única vez, mostrando o sentido definitivo da vida que se findava e, portanto, envolvendo uma prestação de contas com a descoberta de sua individualidade. “A morte tornou-se o lugar em que o homem melhor tomou consciência de si mesmo” (ARIÈS, 2012, p. 61).

Já a morte do outro, marcou o distanciamento do homem com a sua morte, sendo sua atenção dedicada a uma relação romantizada e retórica, tornando-se inspiração para manifestações artísticas que a associam ao amor, saudade e à lembrança. A morte não se tornou um desejo, mas ganhou traços de admiração pela dor provocada diante das rupturas da separação, passando a comover quem sobrevive. O luto então passa a representar a oportunidade de manifestação da dor pela família enquanto uma experiência a ser vivenciada, além de uma defesa do sobrevivente (ARIÈS, 2012).

Por fim, a morte interdita expressa um movimento da modernidade em evitar que a sociedade tenha que lidar com esse fenômeno que fere a condição de felicidade, opondo-se ao impacto da exposição a fortes emoções para que possa sustentá-la (ainda que na aparência). O sofrimento toma a dimensão da solidão, o interdito se contrapõe ao que antes era permitido e a abreviação do luto torna-se necessária (ARIÈS, 2012).

Porém, esse movimento de negligência do luto coloca o sujeito em uma condição de sofrimento, revelando riscos decorrentes do sufocamento de sua

dor, de modo que a insatisfação, solidão e insucesso tornam-se condições deste modelo muitas vezes imposto em que a superação de uma perda tem prazo. “A consciência da finitude não é aprisionadora, pelo contrário, somente essa consciência nos possibilita a continuidade real. A ilusão do infinito, na qual a modernidade está mergulhada, esta sim, nos aprisiona a um modelo ideal, inatingível” (DE FRANCO, 2007, p. 118 e 119).

A partir dos apontamentos realizados pelos autores, identifica-se que a desconsideração do luto e a falta de assistência e suporte por parte da sociedade provocam prejuízos ao sujeito que precisa lidar com a agonia de sua dor de forma solitária e com a incompreensão do luto em suas manifestações. “O processo de luto é um (...) exemplo de morte em vida que se caracteriza por um conjunto de reações diante de uma perda. Falar de perda significa falar de vínculo que se rompe, ou seja, uma parte de si é perdida; por isso, fala-se da morte em vida” (COMBINATO; QUEIROZ, 2006, p. 212).

Logo, pensar na perda para além do fenômeno da morte remete às percepções quanto às experiências vivenciadas cotidianamente e em diferentes tempos, marcadas pelo rompimento de laços, pela desconstrução de planos, pela dedicação do tempo e atribuição de valor e sentido. A perda assume diferentes facetas e afetos, pois o ser humano não apenas é consumido por elas, como as elabora a partir de suas emoções, sentimentos e pensamentos. O sofrimento é inevitável, mas quando mediado pelas leituras externas que desvalidam a dor da perda, torna-se silenciada e minimizada diante da dor maior, a dor da morte. O que se busca nessa afirmativa é alertar para a necessidade de tecer reflexões sobre as perdas em sua multiplicidade, estas que distanciam-se da morte concreta, mas impactam em desgaste emocional e propiciam o vivenciar do sofrimento.

“Pode-se afirmar que existem várias ‘mortes’ em vida. Embora não ocorra a morte concreta, essas experiências possibilitam a reorganização e a ressignificação da vida” (COMBINATO; QUEIROZ, 2006, p. 212). Busca-se, portanto, legitimar a perda e não simplificá-la, entendendo que a singularidade do sujeito determinará suas relações com cada experiência de finitude e de luto. Nesse sentido, embora o sofrimento seja compartilhado e, portanto condição

humana, a diferenciação da intensidade da dor é própria e indeterminada pelo outro, ou seja, apenas quem sofre a perda pode mensurá-la.

2. PERSPECTIVAS, PERCEPÇÕES E SENTIDO: MODOS DE SER DIANTE DAS FINITUDES

Com a intencionalidade de ampliar as discussões sobre a temática, realizou-se uma pesquisa social por meio de formulário eletrônico, associada a diferentes contextos, o que incluiu o pandêmico, visando analisar o modo de relação do público com o foco de pesquisa em contraste com o aporte teórico utilizado. No processo de coleta de dados, contou-se com a participação de 70 pessoas, sendo os resultados apresentados na sequência.

No que se refere à caracterização do público, identificou-se que 34,4% dos participantes encontram-se na faixa etária de 40 a 49 anos, seguidos de 31,4% na faixa etária de 30 a 39 anos, 22,9% entre 50 e 59 anos, 10% entre 18 e 29 anos e 1,4% com mais de 60 anos. Desses, 91,4% identificaram-se como do sexo feminino, 7,1% masculino e 1,4% como não-binário. Houve participantes predominantemente do estado do Paraná, sendo 37,1% da cidade de Curitiba, 20% de Pinhais, 12,9% de São José dos Pinhais, 11,4% de Piraquara, 5,7% de Ponta Grossa, 2,9% de Colombo, 1,4% de Agudos do Sul, Quatro Barras e Araucária. Além de participantes do estado de Santa Catarina, sendo referenciada a cidade de Itapoá.

Especificamente a respeito da temática, iniciou-se questionando sobre como os participantes se sentem ao falar sobre a morte, predominando o percentual de 45,7% para parcialmente confortável e 25,7% para desconfortável, havendo 28,6% que sinalizaram sentirem-se confortáveis. Quando perguntados sobre como sentem-se em relação a falar ou pensar sobre a própria morte, identificou-se que 44,3% sentem-se parcialmente confortáveis, 22,9% demonstram desconforto e 21,4% exitam em pensar ou falar sobre o assunto, havendo apenas 11,4% dos participantes posicionando-se de forma confortável.

A angústia é a forma autêntica do temor, que é a nossa vivência mais cotidiana. Temer é sempre temer algo, algo frente a mim por um

porquê. O nosso mais peculiar poder ser, do qual nos esquivamos, é a morte. A morte é um fenômeno do cotidiano. Vivemos sempre a morte como a morte do outro. Os outros morrem e eu ainda não. A minha morte, eu penso amanhã. Nós nos esquivamos da possibilidade da singularização da morte (KOVÁCS, 1992, p. 144).

Como apresentado anteriormente, a morte é um assunto evitado ou que provoca incômodo no ser humano, pois revela a fragilidade da vida, seus limites e imprevisibilidade desencadeando o contato com pensamentos e sentimentos que se evita, o que corrobora com os resultados da pesquisa, uma vez que 84% dos participantes sinalizam desconforto em relação ao tema, percentual que apresentou ampliação quando a questão direcionou-se para o pensar a própria morte, totalizando 88,6%.

Segundo Kastenbaum (1983), refletir sobre a morte é pensá-la a partir de duas perspectivas, a morte do outro que envolve aspectos associados ao medo da separação e abandono e a própria morte que revela a percepção da finitude e amplia a consciência em relação ao como e quando. Logo, parte-se sempre da premissa do eu e do outro, variando nos modos de relação, ou seja, o medo da morte envolve a sensação da própria indignidade ou da impotência em relação ao outro, o medo do que vem após ela desperta a relação de julgamento próprio e da retaliação pelo outro, por fim, o medo da extinção retrata o desconhecido e a vulnerabilidade diante da qual estamos expostos (*apud* KOVÁCS, 1992).

No que envolve o luto, 94,3% dos participantes sinalizaram já terem vivenciado a experiência. Quando solicitados a indicarem o que este representa, surgiram referências a uma experiência complexa que envolve dor, sensação de perda e vazio, um processo inevitável de sofrimento e saudade. Citou-se ainda a ausência e a vulnerabilidade, o fim e o perdão, acompanhados pela ideia de passagem e transição como parte da vida, havendo ainda a oportunidade de reconstrução.

Além disso, destacou-se o sentimento de tristeza associado à ideia de um “nunca mais”, uma despedida que autoriza o choro, o estado depressivo e que possibilita oportunidades de reflexão. O luto então é entendido como o momento de reflexão e internalização sobre o significado da perda, bem como um tempo

necessário para aceitação e reorganização das emoções afetadas e que se apresentam instáveis.

Observou-se ainda nas respostas, relações do luto com a perspectiva da materialização do amor permeada por lembranças das pessoas e dos momentos vividos, envolto ainda por um sentimento de preocupação pela imprevisibilidade para quem fica, o que associa-se a despedida e ilustram a ideia do não querer deixar ir, do querer que fique ou, ainda, do querer ficar.

Na questão que envolveu a postura que se tem diante de alguém enlutado, os participantes enfatizaram atitudes que demonstram respeito, empatia, acolhimento, escuta e solidariedade, expressas por meio de condolências, disponibilidade para diálogo e apoio, abraços para conforto e consolo ou ainda, apenas presença. Destacou-se ainda uma preocupação em respeitar o espaço e tempo da pessoa, não ser invasivo, contribuir com as tramitações do funeral. Os participantes sinalizaram ainda a sensação de pânico, de evitação e desconforto diante do estado de luto, não compreender a melhor forma de aproximar-se ou ainda não ter palavras ou saber o que falar ou como reagir diante da situação surgem como preocupações, alguns mencionaram utilizar estratégias como a de propor assuntos diferentes ou ditos “normais” como forma de distanciar a pessoa enlutada da tristeza e oportunizar um alívio.

O luto é uma experiência singular, de modo que, como sinalizado pelos participantes, muitas vezes pode ser difícil de ser compreendido, pois tendemos a medir a relação do outro com a morte, a partir das nossas impressões e, nesse caso, podemos nos equivocar no modo de conceber o processo e lidar com este.

De acordo com Klübbler Ross (1981), os estágios do luto envolvem mecanismos de defesa e de enfrentamento necessários para lidar com a demanda que se apresenta, a negação atua como um pára-choque, a raiva como revolta, a barganha como uma possibilidade de adiamento, a depressão como uma preparação para a despedida e a aceitação como um repouso da dor que permite seguir. A validação do luto é necessária, assim como compreender suas fases contribui para o manejo em relação ao enlutado, pois permite a identificação dos mecanismos encontrados pelo sujeito para lidar com a dor.

No que envolve a prática de ritos diante do estado de luto, seja a nível individual ou coletivo, constatou-se que 85,7% dos participantes sinalizaram não realizar nenhuma ação específica. Quanto aos 14,3% que indicaram desenvolverem ações, foram destacadas a participação no velório (em casa ou espaço específico), em cultos fúnebres, organização de novenas, realização de rodas de conversa sobre histórias envolvendo o ente querido, bem como visitas ao cemitério. Além disso, mencionou-se o desapego aos pertences do falecido, a prática do silêncio, evitando ouvir músicas ou participar de atividades festivas por um tempo.

Ao analisar os resultados, sinaliza-se a necessidade de refletir sobre os impactos desse distanciamento e das práticas de despedida por meio de ritos na atualidade. Como observado no processo histórico sistematizado por Àries, a sociedade foi transitando por diferentes modos de relação com a morte, indo desde o reconhecimento de sua aproximação, oportunizando a despedida, passando por sua representação na Arte como meio de mantê-la presente e lidar com certa leveza ou com a expressão de sua intensidade até sua ocultação como sinônimo de fraqueza, de desordem, acelerando o tempo de despedida e restringindo o sofrimento para que a produtividade seja retomada, tão característico de nosso sistema social.

Poder-se-ia dizer que a morte está hoje menos criativa, menos permeada de símbolos? Segundo José de Souza Martins (in Oliveira e Callia, 2005, p. 74), existe uma “falta de rito” na atualidade, em torno da morte, o que gera um vazio incômodo nesse contato. Não há espaço para a linguagem simbólica, que tem a função de dar significado e sentido a uma realidade. Sem isso, a morte fica sem representação e sem elaboração, tanto coletivamente quanto no âmbito íntimo de cada ser humano (*apud* DE FRANCO, 2007, p. 115).

Logo caminha-se para a morte como estatística, para a despedida como desnecessária, para o sofrimento como inoportuno e deixamos de elaborar seus sentidos, afetando a construção simbólica pela sociedade, nos alienando na impessoalidade exposta por Heidegger como um refúgio para abrigar nossas angústias.

A fim de ampliar as relações estabelecidas pelos participantes quanto à dimensão da perda, solicitou-se que estes indicassem palavras que associavam

ao termo, sendo observado que as que mais se repetiram foram tristeza (19,1%), dor (16,9%), saudade (14,6%), sofrimento(9%), ausência (3,4%), bem como separação, luto, morte, falta e solidão (2,2%).

Ainda sobre as possibilidades da perda que ficam explícitas nas palavras sinalizadas pelos participantes, foram apresentadas afirmativas com a intencionalidade de que estes analisassem suas percepções em contextos específicos. A partir dessa perspectiva, foi constatado que, no que envolve a afirmativa: *Na vida passamos por diferentes tipos de perdas*, 80,3% dos participantes concordaram totalmente, o que evidencia o reconhecimento desse processo como algo que marca a relação do sujeito. Tal aspecto relaciona-se com os apontamentos de Combinato e Queiroz (2006) quanto ao fato de que “algumas experiências vivenciadas ao longo do desenvolvimento humano apresentam analogia com a idéia de morte: separação, desemprego, doença e, até mesmo, acontecimentos que trazem alegria, mas que provocam algum tipo de ruptura” (p. 212).

Quanto à afirmativa: *Toda perda é marcada por um luto em diferentes graus de intensidade*, 67,1% dos participantes sinalizaram concordar totalmente, ou seja, mais da metade reconhece que uma perda pode provocar um estado de sofrimento que necessita de elaboração.

Em relação à afirmativa: *O luto representa uma perda significativa*, 70% dos participantes sinalizaram concordar totalmente, havendo uma variação entre os demais respondentes. Ao serem questionados sobre a possibilidade da perda de um emprego, objeto ou relacionamento implicar em um estado de luto, 50% dos participantes sinalizaram que sim, 31,4% que talvez e 18,6% que não. Nesse sentido, deve-se considerar o valor subjetivo da questão, uma vez que a atribuição do que é significativo pode sofrer variações quanto aos níveis de validação reconhecidos por cada pessoa, ainda que compartilhados.

Ao considerar o contexto manifesto nas demandas atuais e a proximidade com as vicissitudes da perda, a pandemia de Covid-19 evidenciou a fragilidade do ser humano, o que provocou diferentes reações na população, ora negando-a com foco em manter a normalidade, ora aceitando-a e contribuindo para as mudanças necessárias com foco preventivo.

A partir disso, elencou-se questões a fim de identificar a relação dos participantes com o cenário pandêmico, sendo inicialmente questionado se em algum momento estes participaram de conversas sobre os riscos de morte, o que evidenciou que 92,9% envolveu-se em discussões. Em relação a ter vivenciado a perda de uma pessoa próxima em decorrência do contágio por Covid-19, 54,3% indicaram que não e 45,7% sinalizaram que sim.

Ao ser abordado o fato da pandemia ter provocado reflexões sobre a fragilidade da vida, 97,1% apresentaram resposta afirmativa. Quanto ao fato de terem percebido mudanças nas próprias perspectivas em relação à vida e à morte, quando comparadas com visões que antecederam o período pandêmico, 74,3% afirmaram que tiveram mudanças no modo de pensar o sentido da vida. O que corrobora com o exposto por Braga e Dias (2016), pois “a consciência da morte força o homem a definir a forma como vai assumir suas possibilidades, entregando-se àquelas que mais apresentam sentido a ele; visto que o tempo é curto e a sua existência é breve”(p. 18).

Como forma de investigar os efeitos da pandemia na saúde mental e emocional, foi solicitado que os participantes elencassem três emoções, sentimentos ou sensações despertados durante este período, sendo sinalizado com maior frequência o medo (23%), seguido da tristeza (11,2%) e ansiedade (8,2%). Outras indicações envolveram a angústia (4,6%), insegurança e incerteza (4,1%), seguidas de fragilidade, solidão e preocupação (3,1). O contexto ainda favoreceu também a manifestação de empatia e esperança (3,1%), além de solidariedade e gratidão (1,5%) sinalizadas por uma minoria.

Visando provocar uma reflexão e autoanálise em relação às indicações realizadas, os participantes foram direcionados a selecionarem o que identificaram como fator de maior dificuldade para lidar, sendo constatada a predominância do medo (30,6%), seguido da ansiedade (15,3%) e tristeza (5,6%).

O medo é a resposta psicológica mais comum diante da morte. O medo de morrer é universal e atinge todos os seres humanos, independente da idade, sexo, nível sócio-econômico e credo religioso. Apresenta-se com diversas facetas e é composto por várias dimensões. Segundo Feifel e Nagy (1981) nenhum ser humano está livre do medo da morte,

e todos os medos que temos estão de alguma forma, relacionados a ele (KOVÁCS, 1992, p. 14).

Quando questionados quanto à busca por atendimento psicológico em decorrência de demandas desencadeadas pela pandemia, 87,1% mencionaram não terem procurado e 12,9% sinalizaram que sim. No que envolve o percentual que negou a busca, deve-se considerar a pausa no acompanhamento psicológico em decorrência dos fatores de isolamento, não adaptação ou adesão ao atendimento *online*, questões financeiras ou ainda a não realização de psicoterapia.

Como forma de acessar a dimensão simbólica dos participantes, solicitou-se que estes indicassem o que o fenômeno representava para além da morte, sendo observadas referências à ideia de passagem e transição como uma possibilidade de ir para um lugar melhor, sendo esta associada à mudança para o plano espiritual, enquanto transformação, transcendência e renascimento da alma para uma continuidade. Sinalizou-se ainda a ideia de descanso associada ao encontro com o divino, enquanto representação da salvação. A finitude e a perspectiva do fim surgiram como marca do fechamento de ciclos, muitas vezes antes do esperado, há quem o considere como o término sem uma continuidade, há quem o relacione com a ideia da oportunidade de uma nova etapa, sendo a partida para um retorno mediada por reencontros. Mas, também retrata uma prisão, a presença de um vazio que se relaciona ao abandono e à separação enquanto condição da saudade e de esquecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que antes era lidado com certo distanciamento, compôs o cenário da pandemia, sinalizando as perdas inevitáveis e marcando-as em diferentes contextos. Se no início houve a perda da liberdade, da rotina, dos modos de vida e trabalho, a anunciação do risco provocou o medo da saída, da partida, do descuido, do encontro e desencontro, se agravando com a perda da saúde e da vida, despertando reflexões sobre a morte e sinalizando as marcas das finitudes que constituem a vida e necessitam de elaboração.

Percorrer uma trajetória a partir dos diálogos da perda, abordando os processos de luto e suas leituras, tornou-se uma oportunidade de aproximação a uma temática tão significativa e evitada, mobilizando, mesmo que brevemente, reflexões ao oportunizar o contato com o assunto. Estabelecer uma relação com as finitudes intensifica o significado e o sentido da vida, podendo ser um ensaio arriscado, revelador e transformador.

Mas será que a morte apresentou-se com mais frequência na pandemia ou passou a questionar o caráter impessoal que a sociedade movimenta-se em construir? Falar e pensar sobre deixou de ser opcional, compartilhar o medo e/ou deparar-se com ele tornou-se inevitável, desenvolveu-se um sofrimento coletivo que ainda não foi superado e dependerá de muitos manejos para que elaborações sejam realizadas na sequência. De modo geral, caminha-se para um cenário que necessita de atenção, pois a minimização dos impactos dependerá do movimento de acolhimento de uma sociedade que precisa de suporte e não pode ter suas feridas negadas ou negligenciadas.

Finalizo com esta reflexão de Cassorla (1992 *apud* KOVÁCS, 1992) que encontra-se no prefácio do livro *Morte e Desenvolvimento Humano* e soa como um alerta para a nossa ilusão de que ao não falar sobre a morte, nos distanciamos de sua presença.

A morte começa quando não levamos em conta que a morte existe. Quando nem sequer nos indignamos ao ver os mortos - mortos, não porque a morte existe, mas porque não lutamos pela vida. A criança miserável que morreu de fome, o operário que perdeu as mãos, a prostituta que perdeu o amor, o ser humano que perdeu a humanidade

e também o seu ser. O suicida que não sabe que já morreu antes de matar-se, porque não suportou a vida, a morte em vida; muitas vezes porque não pode tolerar a morte do outro, e vai em busca dele, num mundo imaginário, que delírio, engana como se fosse vida (s/p).

Toda perda envolve um encerramento, muitas vezes não apenas da vida, mas das dinâmicas que a constituem, passamos constantemente por ciclos de perdas, interagimos com as finitudes, sentindo-a de diferentes formas, na maioria das vezes, sem que se perceba a quantidade de lutos já vivenciados, ainda que sutilmente.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Tradução Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BRAGA, A. R. P.; DIAS, J. F. A. **A finitude humana no pensamento de Martin Heidegger (1889-1976)**. 1. ed. ebook. Toledo, PR: Vivens, 2016. 142 p. Disponível em: <https://docplayer.com.br/61375520-2-a-finitude-humana.html>. Acesso em: 3 de março de 2022.

CASSORLA, R.M.S. Prefácio. In: KOVÁCS, M.J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

COMBINATO, D.S.; QUEIROZ, M.S. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia**, 11(2), 209-216, Natal, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/PfSWjx6JP7NQBWhcMBXmnyq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 6 de abril de 2022.

DE FRANCO, C. A crise criativa no morrer: a morte passa apressada na pós-modernidade. **Revista Kairós**, São Paulo, 10(1), jun. 2007, pp. 109-120. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2577>. Acesso em: 19 de julho de 2022.

GIACOIA JÚNIOR, O. A visão da morte ao longo do tempo. **Medicina**, [S. l.], v. 38, n. 1, p. 13-19, Ribeirão Preto, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/418>. Acesso em: 6 de agosto de 2022.

HEIDEGGER, M. A possibilidade da pre-sença ser toda e o ser para a morte. In: **Ser e tempo: parte II**. Tradução: Márcia Sá Cavalcante Schubac. Petrópolis: Editora Vozes, 13ª ed., 2005.

KOVÁCS, M.J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. Tradução Paulo Menezes. São Paulo: Martins Fontes, 1981.